

Contributo para o estudo do Monte do Castelo de Fraião, Boivão, Valença

Carla Maria Braz Martins *

ABSTRACT:

The hill of the Castle of Fraião, also denominated Castle of Furna, is located in Boivão, Valença, Viana do Castelo.

In this place it took place an archeological intervention in the year 2000, being exhumed abundant ceramic materials of medieval age and a beautiful belt plate in copper and gold of the same period.

INTRODUÇÃO

O monte do Castelo de Fraião, também denominado Castelo da Furna, localiza-se na freguesia de Boivão, concelho de Valença, distrito de Viana do Castelo, à longitude 8° 32' 53" e latitude 41° 59' 30", com uma altitude de 527 metros no sopé do monte e 622 metros no pico mais alto (Fig. 1).

Geologicamente é uma zona constituída por granito monzonítico (rochas eruptivas), mais especificamente por granito calco-alcalino, de textura porfiróide, de grão grosseiro¹.

É um local de fácil acesso até ao sopé, através de um caminho ladeado por muros por onde passam automóveis e por um caminho carreteiro. O acesso ao topo do maciço granítico é escarpado, constituindo uma excelente defesa natural. Tal facto, poderá estar relacionado com a utilização das grutas e lapas aí existentes como abrigos sazonais ou refúgio em caso de crise / guerra.

Para além de uma boa localização geográfica com um domínio sobre o planalto da Serra da Bulhosa, também está enquadrado numa boa rede hidrográfica, graças à proximidade da Ribeira da Furna e do Ribeiro de Fervença.

Na realidade, estamos perante um bom local de ocupação, onde poderão ter existido estruturas percíveis de madeira e/ou giestas, a avaliar pelos entalhes existentes nos monólitos de granito, não se revelando vestígios de estruturas pétreas.

Relativamente à época medieval, existem referências a um castelo, que poderá estar relacionado com a abundante cerâmica medieval e um *numisma* da mesma época encontrados em

* Bolseira da PRAXIS XXI, doutoranda na FLUP.

¹ TEIXEIRA, 1961, p. 21.

prospecção no topo do maciço. Martins Sarmento refere a existência de uma fortaleza antiga, no entanto não a localiza².

Assim sendo, considerou-se pertinente a valorização arqueológica deste local, para sua melhor identificação, e para que sirva de mais uma contribuição para a carta arqueológica de Valença.

INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

A intervenção arqueológica realizada em Junho de 2000 constou da abertura de duas sondagens, uma no topo mais alto do monte (S.1 com uma área de 3 m²) e uma outra na denominada *Horta da Rainha* (S. 2 com uma área de 4 m²). Este último local está associado a uma lenda, muito comum noutras regiões, em que se conta que uma rainha vinda de Castela fugida do marido, se refugia no Castelo da Furna / Fraião; a sua alimentação provinha de uma recolha frugal nesta horta e de trutas aqui deixadas cair por uma águia.

A sondagem 1 (Fig. 1.2), efectuada à entrada de uma gruta/abrigo, forneceu abundantes materiais cerâmicos de época alti-medieval e medieval. De salientar, que nas suas imediações e em prospecção anterior já tinha aparecido um *numisma* medieval.

O *numisma* é um dinheiro, em bolhão, de D. Dinis (1279-1325)³:

Anv.: D REX PORTVGAL

Cruz cantonada por duas estrelas e dois crescentes.

Rev.: PO-RT-VG-AL

Cinco escudetes em cruz.

Peso: 0,65 g.

Diâmetro: 16,48 / 17,55 mm.

Eixo: 1.

Na sondagem 2 (Fig. 1.2), na *Horta da Rainha*, foi exumada cerâmica medieval (pouca) e uma placa (U.E. 01, n^o reg. 2) de metal à cota de 592.58 metros. O objecto em questão é uma *placa de cinturão medieval* (Fig. 2), com as seguintes características:

Peso: 6,43 g.

Dimensões: 57,14 mm x 34 mm

Espessura: 1,79 mm

Profundidade da estampagem: 1,04 mm

Descrição: Placa que denota uma grande preocupação no preenchimento de todos os espaços vazios, apresentando no entanto uma organização em torno de um eixo de simetria horizontal.

O elemento principal é um zoomorfo inserido num medalhão circular, em volta do qual se desenvolve uma profusão de motivos vegetalistas.

O zoomorfo representa um grifo, ou seja um animal fantástico constituído por um corpo de leão, com quatro patas detentoras de garras e uma cauda típica⁴, que se prolonga, a cabeça de águia com bico aberto do qual sai uma longa língua (animal parlante ou língua de fogo) e duas orelhas de cavalo.

² SARMENTO, 1999, p. 181.

³ Classificação efectuada pelo Dr. Filipe Teixeira, Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto.

Entre as patas dianteiras e as traseiras existem dois prolongamentos do corpo, que se considera como hipótese serem duas asas estilizadas e caídas. É comum na arte celta os grifos alados comportarem asas descaídas⁵, para além de que o dorso do animal se encontra preenchido pela representação de uma lira, motivo comum principalmente nas moedas celtas⁶.

Tratando-se de motivo estilizado em que todas as partes do corpo são apresentadas num único plano, é natural a inexistência de rigor anatómico.

O grifo apresenta ainda penugem no pescoço e dorso traduzida por finas e elegantes incisões.

Entre a lira e a cauda existe um motivo vegetalista aparentando ser um botão de flor de lotus.

Em torno deste medalhão, bem definido por um círculo cordado, desenvolvem-se elementos vegetais estilizados, de forma ondulante e em espiral, nomeadamente uma espécie de palmetas. Todos estes motivos estão inseridos num rectângulo bem estruturado.

A temática desta placa faz lembrar motivos da arte celta, nomeadamente as palmetas e a flor de lótus com protótipos orientalizantes⁷, o grifo adaptado dos modelos clássicos mediterrânicos e orientalizantes⁸, e a lira, reminiscência dos modelos greco-romanos e das tradições e lendas dos druidas.

Todos estes elementos sobrevivem no tempo, podendo ser encontrados na arte visigótica⁹, na arte romano-bizantina¹⁰ e também na arte medieval, que sendo ecléctica, acaba por adaptar muitas simbologias e elementos decorativos de épocas anteriores.

O grifo, composto de águia e leão, na emblemática medieval representa a evocação dualista da natureza divina e humana, assim como a dupla qualidade de sabedoria e força¹¹. Quando associado à Árvore da Vida, pode mesmo ter um significado de vigilante dos caminhos de salvação¹². De facto, os motivos vegetais que molduram o grifo podem ser o signo de Árvore da Vida, muito semelhante à existente no Livro de Kells¹³.

Técnica: Esta elegante peça constitui um magnífico trabalho de repuxado e cinzelagem, tendo sido observada à lupa binocular com uma câmara de vídeo Sony CCD-IRIS incorporada, através da qual se tiraram as fotografias apresentadas¹⁴; as fotografias correspondentes às fig. 3-5, 7, 9-10 têm uma ampliação de 23,75 vezes, e as fotografias das fig. 6 e 8 têm uma ampliação de 110 vezes. Esta observação permitiu apurar com uma maior precisão as fases de trabalho da peça.

Numa primeira fase marcou-se e recortou-se, com cinzel ou tesoura, uma fina placa de cobre que teve de ser martelada com uma protecção de peles para atingir a espessura desejada de 1,76 mm.

A determinação dos elementos metálicos da peça, por Fluorescência de raios X, revelou os seguintes resultados:

⁴ Tem paralelos em MEGAW 2001, p. 175 n.º 286A (placa celta do séc. II / I a.C. proveniente de Gundestrup, Raevemosen, Demmark).

⁵ MEGAW 2001, p. 68.

⁶ MEGAW 2001, p. 269 n.º 459.

⁷ MEGAW 2001, p. 55.

⁸ EGAW 2001, p. 21.

⁹ SCHLUNK 1947, p. 310, fig. 327 C.

¹⁰ V.Q.B. 2003, p. 156 n.º 135 (motivos vegetalistas estilizados).

¹¹ CHEVALIER; GHEERBRANT 1994, p. 358.

¹² CIRLOT 1992, p. 228.

¹³ BAIN 2000, p. 191.

¹⁴ Processo efectuado na Faculdade de Engenharia do Porto.

lab.: C. P. ¹⁵	Au (%)	Ag (%)	Cu (%)
anverso (em zonas aparentemente sem ouro)	38,6	1,1	57,0
	26,8	0,0	68,6
	27,2	0,0	68,4
reverso da peça	20,5	0,0	74,8
	18,8	0,0	76,1
	20,8	3,9	78,5

Trata-se portanto de uma placa em cobre (Fig. 3), com vestígios de prata residual e contaminação de ouro proveniente da sua aplicação; no anverso isto é natural, pois comportou a lâmina (desaparecida na maior parte da peça), enquanto no reverso tem a ver com o caldeamento e pressão do anverso para o reverso, aparecendo partículas de ouro em áreas restritas e pontuais (Fig. 4).

A placa deverá ter sido colocada sobre um suporte de madeira ou chumbo (mais maleável), sofrendo então um elaborado trabalho de cinzelagem e percussão, de modo a aprofundar a superfície, fazendo sobressair os elementos decorativos.

Em certos motivos admite-se o uso do compasso e para aperfeiçoamento do desenho, retocaram-se alguns sulcos pelo reverso. Todos os pequenos pormenores são cinzelados.

Terminada esta fase, é colocada uma finíssima placa de ouro com 0,03 mm de espessura conseguida através da martelagem.

Os resultados das análises, também por Fluorescência de raios X, revelaram:

lab.: C. P.	Au (%)	Ag (%)	Cu (%)
lâmina de ouro que se destacou da peça	89,6	5,2	5,3
	96,2	0,7	3,1
	86,5	0,2	13,3
	96,6	0,0	3,5
	96,2	0,4	3,3
ouro que ainda se encontra na peça	87,1	1,1	11,9
	87,2	4,7	8,1

Uma análise mais precisa com uma área de análise mais diminuta (0,1 mm x 0,1 mm com uma profundidade inferior a 1 um) segundo o método de análise semi-quantitativa por EDS usando um sistema Vojer Noran, revelou:

lab.: CEMUP ¹⁶	Au (%)	Ag (%)	Cu (%)
anverso da lâmina de ouro destacada	96,7	2,0	1,3
	96,2	2,5	1,3
reverso da lâmina de ouro destacada	55,9	1,6	42,5

¹⁵ Análises realizadas na Contrastaria do Porto (C. P.), num Spectro X-Test, com uma profundidade de campo de 3 u.m.

¹⁶ Análises realizadas no CEMUP, Porto, através do método de análise semi-quantitativa por EDS usando um sistema Vojer Noran, com uma área de análise de 0,1 mm x 0,1 e profundidade inferior a 1 um.

A placa de ouro, cujo ouro é considerado fino devido às suas percentagens na ordem dos 96 / 97 % com apenas vestígios de prata e cobre (Fig. 11), é submetida ao fogo para se tornar mais maleável (Fig. 12), sendo posteriormente adaptada à placa de cobre através do processo de martelagem, o que se pode verificar pelos filamentos que o ouro apresenta (Fig. 6).

O cobre, já por si próprio poroso (Fig. 7), associado à pressão exercida, leva a que as partículas de ouro se entrossem pelo cobre e vice-versa, justificando assim a existência de cobre na lâmina de ouro, assim como a existência de ouro na lâmina de cobre (Fig. 5).

Posto isto, o ouro é adaptado à lâmina de cobre, de modo a penetrar em todas as incisões efectuadas com um cinzel ou buril.

Este é um trabalho moroso e extremamente delicado tendo em conta a espessura da película de ouro, tentando não a perfurar, o que nem sempre acontece (Fig. 8).

As rebarbas da lâmina de ouro são cortadas, após o que a peça é perfurada com um peão, provavelmente nos quatro cantos.

Assim sendo, a peça seria cosida ou pregada a uma ponta do cinturão, em couro, comportando a outra extremidade da peça uma espécie de fivela ou passador¹⁷, que estaria ligado a esta peça através de uma solda de prata. Poder-se-á então explicar a elevada percentagem de prata numa das extremidades (direita) ligeiramente enrolada para o reverso:

lab.: C. P.	Au (%)	Ag (%)	Cu (%)
anverso	7,2	70,6	21,5
	1,4	84,2	4,3
	0,6	62,9	20,4
reverso	0,0	40,7	29,8

Tratando-se de uma peça em cobre, a prata vertida sobre ele forma automaticamente uma liga (Fig. 9).

A porosidade do cobre, o seu progressivo uso, desgaste e corrosão levam a que os óxidos de cobre se mesquem com o ouro depositando-se na superfície deste último (Fig. 10).

Utilização: Esta bonita placa será como já referido, uma placa de cinturão. Tão requintado trabalho retrata uma mestria encomendada para uso pessoal de determinada pessoa.

Minuciosa obra, com lâmina de ouro e uma simbologia específica, poderá induzir a que se possa pensar que o seu portador terá sido uma pessoa de destaque dentro da sociedade medieval, ao nível político/social ou militar.

Nesta última hipótese não será de estranhar que um indivíduo que lidere exércitos e que se encontre sistematicamente em guerra, num período histórico muito instável, tenha no seu cinturão elementos decorativos que ultrapassando-se, retratam a mentalidade religiosa da época, podendo mesmo constituir uma espécie de amuleto:

- grifo representando força e sabedoria, qualidades necessárias a um chefe militar; guardião e vigilante dos caminhos da salvação, desejo de regresso são e salvo a casa;
- lira, que recordando modelos clássicos, adormece o inimigo, esmorecendo as suas tropas e como tal, conduzindo o exército em causa à vitória.

¹⁷ ALMEIDA 1962, p.93.

No que diz respeito aos materiais cerâmicos exumados, quer na sondagem 1 quer no interior da gruta/abrigo, há uma grande diversidade de tipologias e pastas:

- **Grupo I** - cerâmicas obtidas em ambiente redutor, com a face interna e externa cinzentas. As pastas são cinzentas, grosseiras, com mica e desengordurantes de tamanhos pequenos e médios. Dentro deste grupo, existem também cerâmicas cinzentas, com pasta mais fina, com vestígios de mica.
- **Grupo II** - cerâmicas obtidas em ambiente oxidante, com face externa de cor beje, rosada e alaranjada / acastanhado. As pastas são alaranjadas, grosseiras, com mica e desengordurantes pequenos.

Estes dois grupos cerâmicos têm uma datação compreendida entre os séc. XI-XIII, em consonância com o *numisma* de D. Dinis, que poderá condicionar o término da datação.

As decorações existentes são muito variadas, compreendendo decoração plástica - cordão, decoração plástica em cruz, incisão de linhas horizontais paralelas, incisão de meandros, incisão sequencial de traços oblíquos e decoração por punção. Algumas cerâmicas apresentam marcas de espatulagem e brunidos.

Relativamente às tipologias, existe uma variedade grande de painéis e potes de ir ao lume, dados os vestígios de fogo, assim como recipientes de suspensão (furos laterais para suspensão).

Existem também cerâmicas alti-medievais de transição para o medieval, com uma datação compreendida entre o séc. VII e IX/X¹⁸:

- **Grupo III** - cerâmicas esbranquiçadas, de pasta rosada e/ou esbranquiçada, muito friável, com mica e desengordurantes médios.
- **Grupo IV** - cerâmica cinzenta esbranquiçada, de pasta muito depurada, quase sem desengordurante e com pouca mica.
- **Grupo IV** - cerâmica de pasta cinzenta esbranquiçada, com engobe preto, vestígios de mica.
- **Grupo VI** - cerâmica beje, de pasta rosada, fina e muito depurada.

Estas cerâmicas apresentam uma decoração penteada / "vassourada".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Castelo de Fraião, alvo de estudos anteriores por parte de investigadores como C. A. B. de Almeida, T. Soeiro e M. J. Barroca¹⁹, é um local que abrange diversas ocupações desde o Bronze Inicial.

Tentando complementar o estudo referido, a intervenção arqueológica efectuada revelou materiais das épocas alti-medieval e medieval, desde o séc. VII até meados do séc. XIV.

Este local pode portanto ser considerado como refúgio ou abrigo, de difícil acesso, num período histórico instável sob o ponto de vista político. E apesar de ocupações temporárias, a existência de estruturas perecíveis é indubitável, perante os entalhes nas rochas e a existência de pregos em ferro, provenientes das sondagens (principalmente da sond. 1), alguns dos quais

¹⁸ Os materiais correspondentes aos grupos III a VI não foram desenhados dado que não apresentavam formas desenháveis.

¹⁹ ALMEIDA; SOEIRO; BARROCA, 1995.

suficientemente grandes para terem pertencido a estruturas de madeira. Estas observações remetem-nos novamente para as referências bibliográficas que fazem alusão a um castelo, que a ter existido poderia ter sido construído em material perecível, como seja a madeira.

Considera-se que o espaço correspondente à localização da sondagem 1 pode ter tido vários momentos de ocupação, contínua ou não, dentro de um período medieval; os materiais encontrados na sondagem 2 são de escorrimento e como tal fortuitos.

Do espólio exumado, salienta-se a fina placa de cinturão em cobre recoberta por uma lâmina de ouro fino, requintadamente decorada, que terá uma cronologia em torno do séc. XII, a avaliar pelos paralelos estilísticos encontrados.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C. A. B.; SOEIRO, T.; BARROCA, M. J. (1995), Estação arqueológica do Castelo de Fraião (Boivão, Valença), *Portugália*, vol. XVI. Porto, FLUP, 311-322.
- ALMEIDA, D. F. (1962), Arte visigótica em Portugal, *AP*, nova série, vol. IV, Lisboa, Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos.
- (V. Q. B.) (2003), *Aspectos da Vida Quotidiana em Bizâncio*, Lisboa, MNA.
- BAIN, G. (2000), *Arte Celta*, A Coruna, Editorial Toxo Soutos.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. (1994), *Dicionário dos símbolos*, Lisboa, Teorema.
- CIRLOT, J.-E. (1992), *Diccionario de símbolos*, Barcelona, Editorial Labor.
- IPPAR (1993), *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado*, vol. III, Lisboa, IPPAR.
- FERNANDES, A. de A. (1999), *Toponímia Portuguesa*, Arouca, Associação para a Defesa da Cultura Arouquense.
- GUERRA, L. F. (1900), Vestígios romanos no concelho de Viana do Castelo, *AP*, vol. 5, Lisboa, Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos, 175-177.
- LEAL, A. B. de P. (1873), *Portugal Antigo e Moderno*, vol. I, Lisboa.
- MEGAW, R. e V. (2001), *Celtic Art*, London, Thames & Hudson.
- MOSCATI, S. (1991), *The celts*, Milano, Gruppo Editoriale Fabbri Bompiani.
- (C. I. M.) (1992), *Nos Confins da Idade Média. Arte Portuguesa séc. XII-XIV*, Porto, MNSR / IPM.
- OLIVEIRA, A. L. (1978), *Valença do Minho*, Póvoa de Varzim.
- SARMENTO, F. M. (1999), *Antiqua*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento.
- SCHLUNCK, H. (1947), Arte visigoda, In *Ars Hispaniae*, vol. II, Madrid, Editorial Plus-Ultra.
- SILVA, A. C. F. da (1986), *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Câmara Municipal de Paços de Ferreira / Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- TEIXEIRA, C. (1961), *Carta geológica de Portugal*, folha 1-C, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- VIANA, A. (1926), Através do Minho II - A exploração metódica dos nossos castros, *Gente Minhota*, vol. 6, 88-90.
- VIANA, A. (1932), Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto Minho, *Arquivo do Distrito de Viana do Castelo*, vol. I, Viana do Castelo, 11-24.

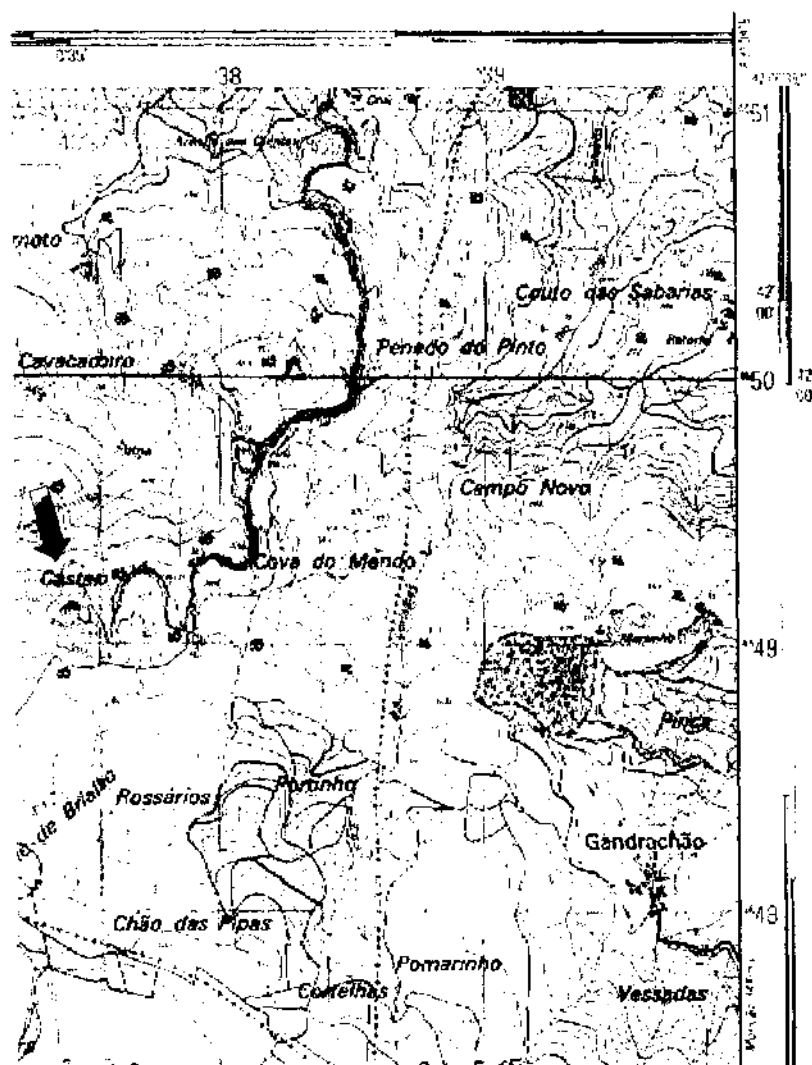


Fig. 1.1 – Localização do Monte do Castelo de Fraião (Carta Militar de Portugal, folha 7, escala 1:25000, Lisboa, IGE, 1997)

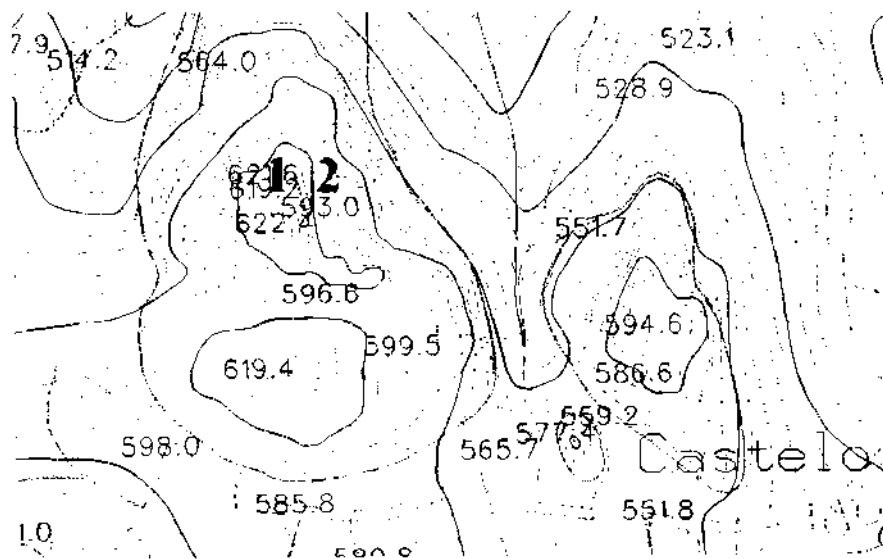


Fig. 1.2 – Localização da sondagens 1 e 2 (Levantamento gentilmente cedido pela Câmara Municipal de Valença, à escala 1:5000)

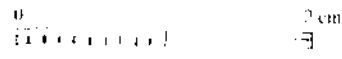
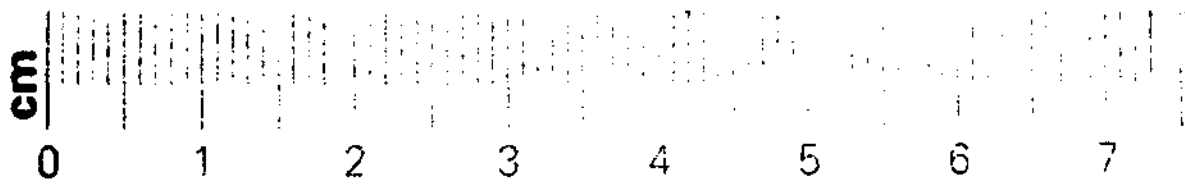
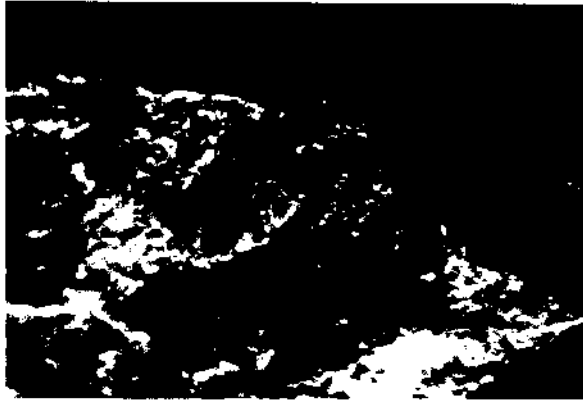
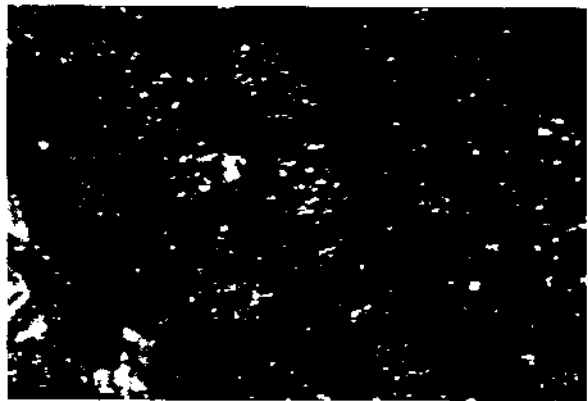


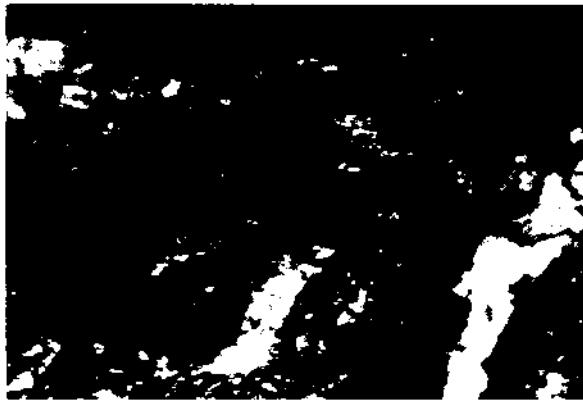
Fig. 2 - Placa de cinturão



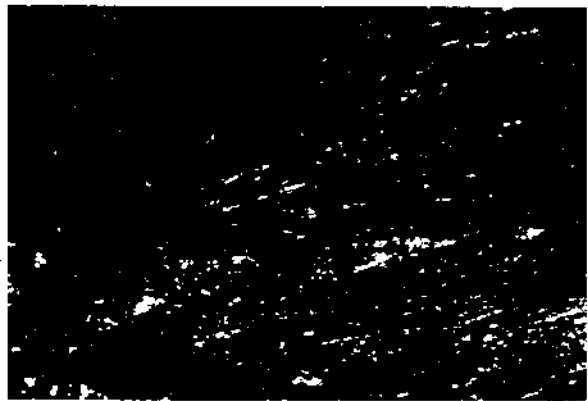
3



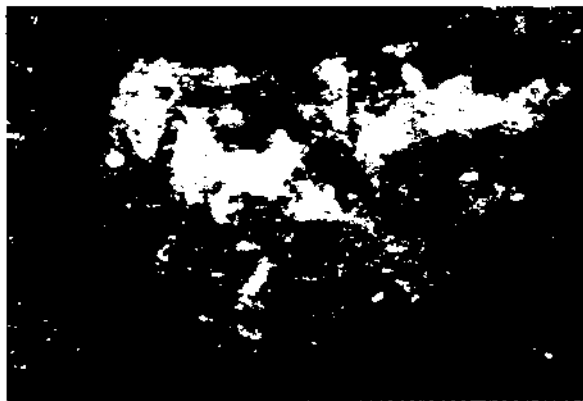
4



5



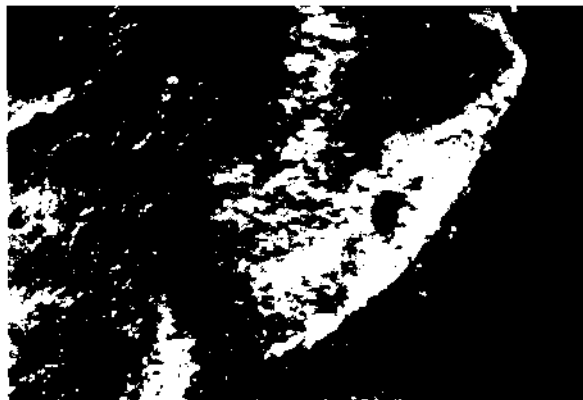
6



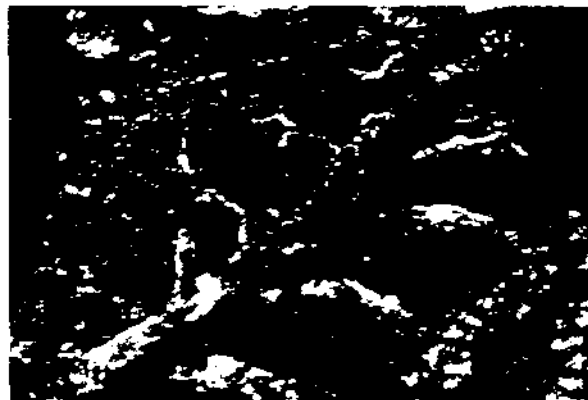
7



8



9



10

Fig. 3 - Lâmina de cobre; Fig. 4 - Reverso da placa; Fig. 5 - Ouro mesclado com cobre; Fig. 6 - Reverso da lâmina de ouro com os filamentos da martelagem; Fig. 7 - Porosidades na placa através das quais o ouro se entrosou; Fig. 8 - Anverso da lâmina de ouro perfurada; Fig. 9 - Zona de solda: da esquerda para a direita ouro, cobre e prata; Fig. 10 - Depósitos de óxido de cobre sobre a lâmina de ouro.

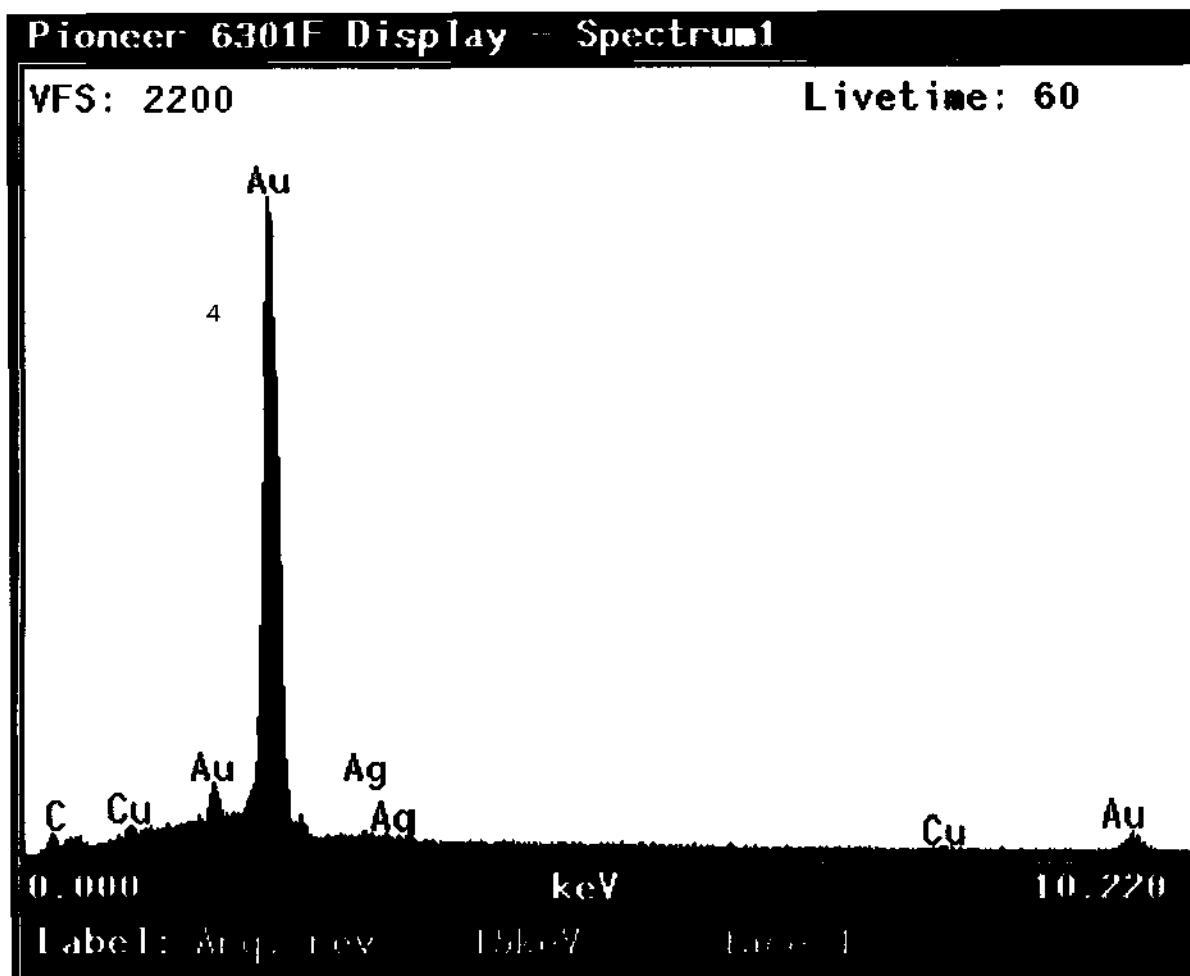


Fig. 11 - Espectro da análise realizada ao anverso da lâmina de ouro

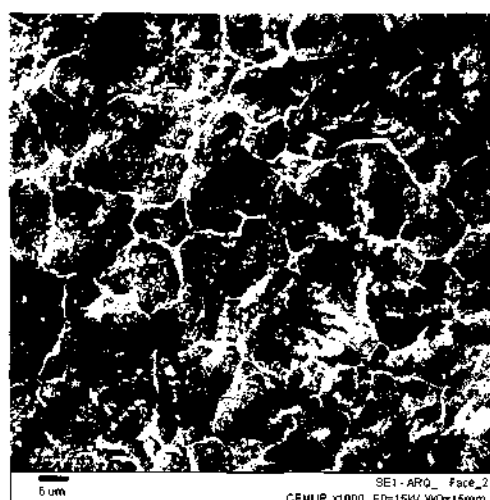


Fig. 12 - Reverso da lâmina de ouro, revelando uma estrutura de grão regular indicadora da existência de um tratamento térmico

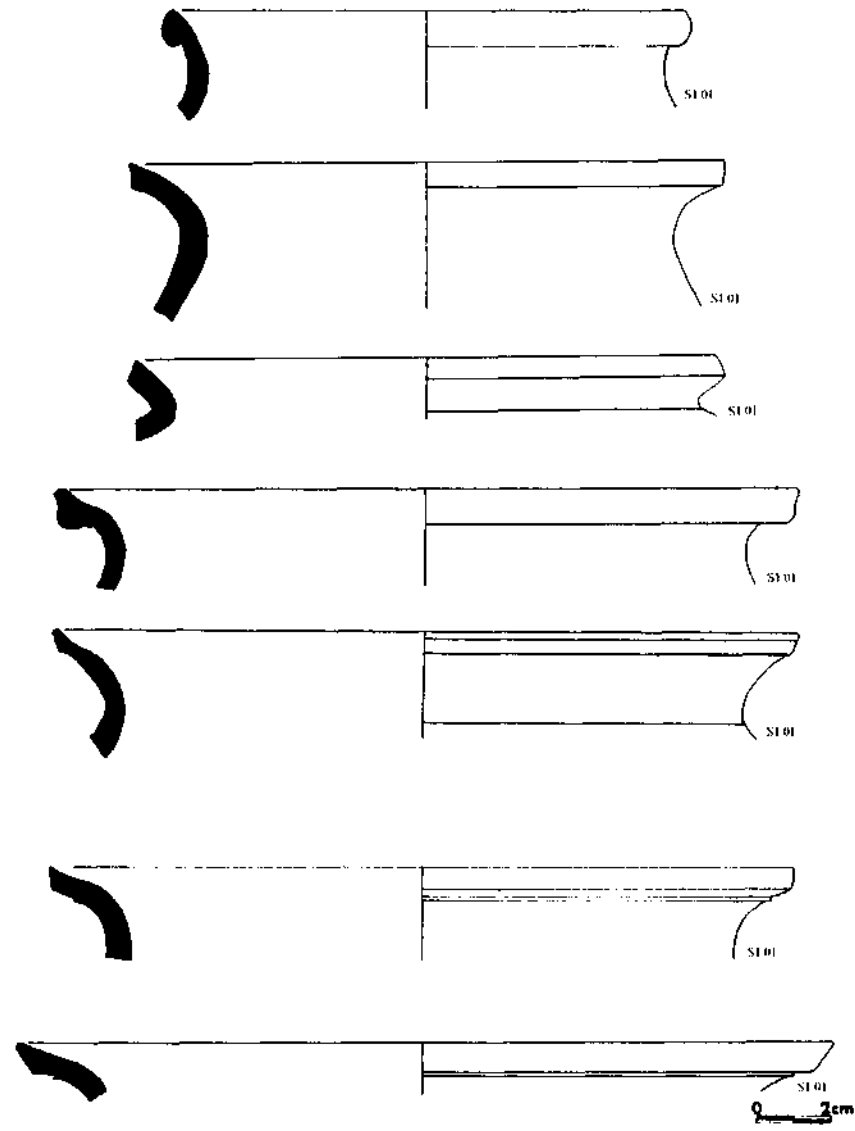


Fig. 14 – Cerâmica medieval, grupo II

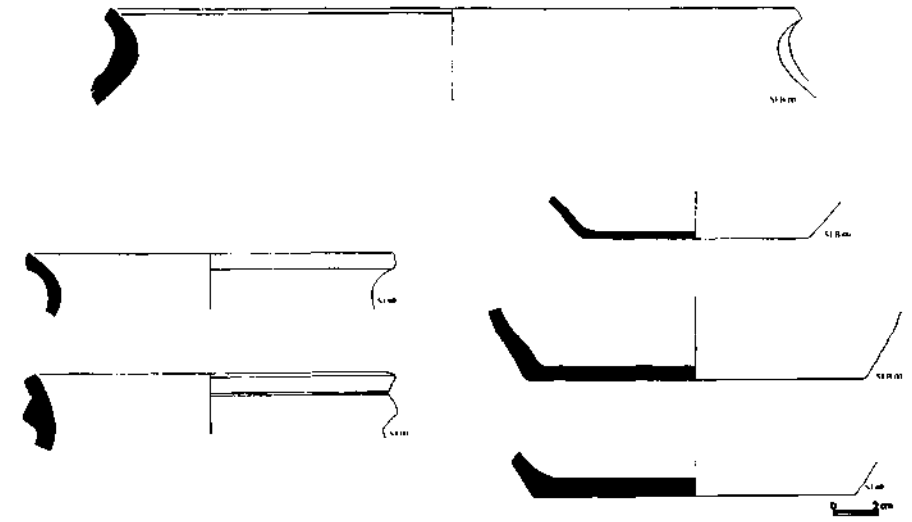


Fig. 13 – Cerâmica medieval, grupo I

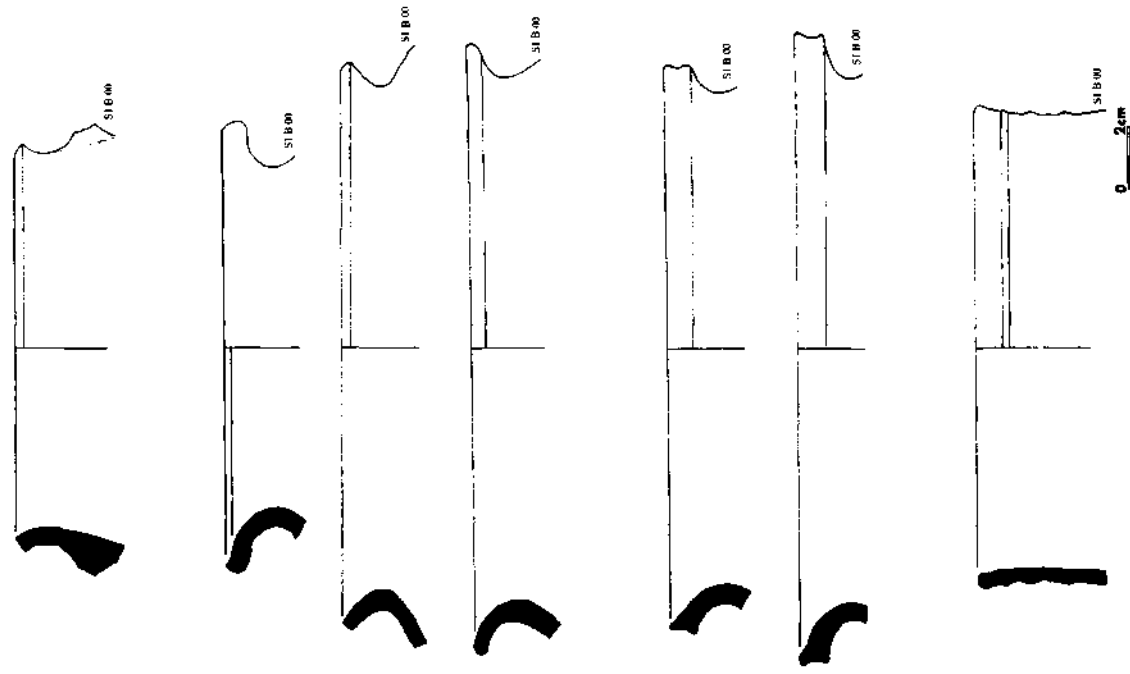


Fig. 15 - Cerâmica medieval, grupo II

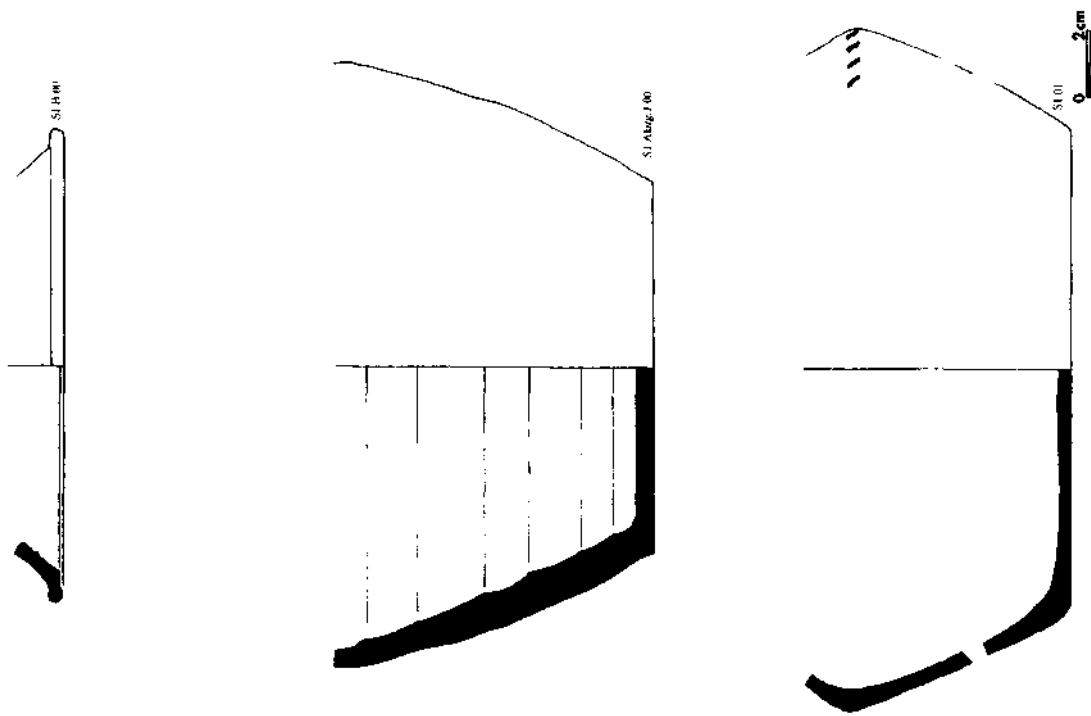


Fig. 16 - Cerâmica medieval, grupo II

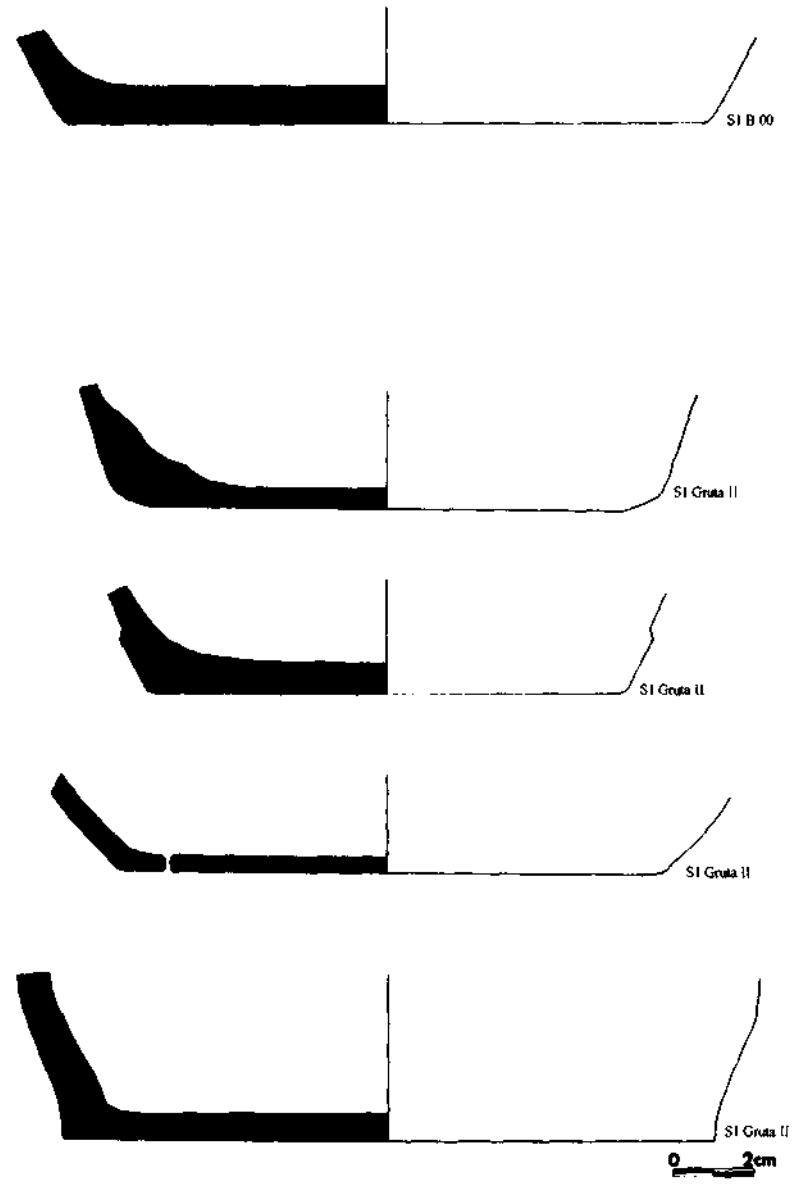


Fig. 17 – Cerâmica medieval, grupo II